

Чтение на португальском языке.

Со словарём МИР-1000. <http://mir2050.narod.ru/braMIR1000.html>

**Жюль Верн. 20 ТЫСЯЧ ЛЬЕ ПОД ВОДОЙ. 11-20 главы.**

**Júlio Verne. VINTE MIL LÉGUAS SUBMARINAS.**

**Capítulos 11-20**

1. Сперва прочти вслух отрывок о капитане Немо и подводной лодке Наutilus.
2. Затем открой словарь МИР-1000 ( 1000 самых встречаемых слов порт. языка) и переведи неизвестные тебе слова. Листай словарь левой рукой.  
Примечание: слова, не попавшие в словарь МИР1000, переведены прямо в тексте.
3. Пиши переводы отрывка построчно на лист бумаги, чтобы потом литературно перевести вслух.

**СМЫСЛ перевода таким способом: быстрое (за 1 месяц) запоминание 1000 самых встречаемых слов португ. языка, составляющих 50% текстов.**

## Capítulo 11

O Capitão Nemo levantou-se e eu o segui.

Levou-me a visitar a sua fabulosa(невероятная) biblioteca. Em número de volumes(томов) era bem superior(больше) à que eu tinha em Paris e talvez o fosse também no conteúdo(содержание) dos seus livros. Mostrou-me demoradamente(медленно) sua coleção(коллекцию) da fauna marinha(морская), em uma enorme sala(зал) construída especialmente(специально) para esse fim. Era estupenda(удивительная). Nenhum museu da Europa tinha uma coleção de espécimes(образцов) marinhos igual à dele.

A certa altura(в конце) de nosso passeio(прогулка), eu disse a ele:

- Mas se esgote(исчерпать) a minha admiração(восхищение) por tudo de extraordinário(необычайное) que tem me mostrado, Capitão(капитан) Nemo, que me restará para o navio(корабль) que encerra(содержит) todas essas maravilhas(чудеса)? Não posso penetrar(проникнуть) nos segredos(секреты) que lhe pertencem(принадлежат), mas confesso(признаю) que este "Nautilus", a força motriz(движущая) que tem dentro de si, as máquinas que lhe permitem navegar(плавать), o agente poderoso(энергоноситель) que o anima, tudo isso excita(волнует) muito mais a minha curiosidade(любопытство). Vejo suspensos(повешенные) nessas paredes por onde temos passado, instrumentos cuja utilização(использование) me é desconhecida(неизвестное). Posso perguntar-lhe para que...

- Sr. Aronax - interrompeu-me(прерваet) ele. - Disse-lhe que seria livre a bordo do meu navio(корабль) e, por consequência(следовательно), nenhuma parte do "Nautilus" lhe está vedada(запрещенный). Pode visitar o navio pormenorizadamente(подробно), e eu terei muito gosto em ser o seu guia(гид, проводник).

- Não sei como lhe agradecer(благодарить), mas não quero abuser(злоупотреблять) de sua paciência(терпением). Gostava apenas de saber para que servem esses instrumentos.

- Tenho outros iguais em meu quarto e é lá que terei muito gosto em lhe explicar(объяснить) a sua utilização(применение). Mas antes venha visitar o camarote(каюта) que lhe está destinado(направился).

Conduziu-me para a proa(нос судна), onde encontrei não um camarote(каюта) mas um elegante quarto com uma cama(кровать), uma cômoda(комод) e outros movies(мебель).

- O seu quarto é contíguo ao meu - disse-me ele, abrindo uma porta - e o meu dá para o salão(салон) que acabamos de deixar.

Convidou-me(приглашать) e eu entrei no seu quarto. Tinha um aspecto severo(строгий), quase ascético(аскетичный). Uma cama(кровать) de ferro(железо), uma mesa de trabalho, alguns movies(мебель), tudo simples, nada confortável(комфортный). Apenas o estritamente(строго) necessário.

- Queira sentar-se - disse-me.

## Capítulo 12

Aqui estão - começou a falar, apontando(показав) para os instrumentos suspensos(висящие) nas paredes do quarto - os aparelhos(аппараты) necessários à navegação(навигации) do "Nautilus". Tanto aqui como no salão(салон) tenho-os sempre diante dos olhos, e indicam-me(показывают-мне) a minha posição(позицию) e direção exatas no oceano.

Alguns lhe são familiares(знакомыми), tais como o termômetro, que dá a temperatura interior do barco(корабль); o barômetro, que mede a pressão(давление) atmosférica e prevê(прогнозирует) as mudanças(изменения) de tempo; o higrômetro, que mede a umidade(влажность) do ar; o stormglass(штурмомер), cuja mistura, quando se decompõe, anuncia tempestade; a bússola(компас) que dirige a rota(маршрут); o sextante, que pela altura(высота) do sol me informa da latitude(геогр. широта); os cronômetros, que me permitem calcular a longitude(геогр. долгота); e, finalmente, estes óculos de alcance para dia e noite, que servem para perscrutar(искать) o horizonte .quando subo à superfície(поверхность(воды)).

- São os instrumentos comuns do navegador e conheço o seu uso - disse-lhe eu. - Mas estes outros aqui certamente respondem às exigências(требования) especiais do "Nautilus". Este quadrante com um ponteiro(стрелка) móvel não é um manômetro?

- Na verdade, é um manômetro que posto em contato com a água indica(показывает) a pressão exterior, fornecendo-me(сообщает-мне) ao mesmo tempo a profundidade(глубина) em que está o submarino(подлодка).

- E estas sondas(датчики)?

- São termométricas e indicam a temperatura das diversas camadas(слои) de água que vamos atravessando(будем пересекать).

- E estes outros instrumentos aqui, cuja utilidade(применение) nem posso prever(предугадать) qual seja?

- Devo lhe dar uma explicação(объяснение), professor - disse o Capitão Nemo. - Queira ter a bondade(будьте добры) de me escutar.

Manteve-se em silêncio(тишина) alguns instantes e prosseguiu(продолжил) - Existe(существует) um agente poderoso(энергоноситель), obediente, rápido, manobrável para todos os fins, que é rei(король) e senhor(господин) a bordo do meu submarino. Tudo é feito por ele. Ilumina(освещает), aquece(нагревает), é a alma de todos os aparelhos(аппаратов): a eletricidade(электричество).

Sem ela eu nada teria conseguido.

- A eletricidade? - perguntei, surpreso(удивленный).

- Sim, professor.

— No entanto, capitão, o seu barco possui uma extrema(сверх) rapidez(скорость) de movimentos(движения) que dificilmente se explica(позволяет) pela eletricidade. Pelo que sei, a sua força dinâmica permanece até hoje muito restrita(ограниченная), e só produziu forças reduzidas(уменьшенные).

- A minha eletricidade, professor, não é a mesma do resto(остальной) do mundo.

Mas a este respeito não posso lhe dizer mais nada. Basta saber que o mar me fornece os meios de produzir a minha eletricidade.

Desconversou o assunto, que me interessava profundamente, e passou a me mostrar outros instrumentos e a explicá-los.

- Repare neste relógio, professor. É elétrico e trabalha com uma regularidade que desafia os melhores cronômetros. Está dividido em vinte e quatro horas, como os relógios italianos, porque para mim não existe nem dia e nem noite, nem sol e nem lua, mas apenas esta luz artificial que arrasto até o fundo dos mares. Veja, neste momento são dez horas da manhã.

- Perfeitamente.

- Repare nesta outra aplicação da eletricidade: este quadrante serve para indicar a velocidade do “Nautilus”. Neste momento estamos nos movendo a quinze milhas por hora.

- É maravilhoso - observei - e vejo que descobriu como utilizar este agente, que num futuro próximo substituirá o vento, a água e até o vapor.

- Se quiser me acompanhar, visitaremos agora a ré do “Nautilus”.

Saiu e eu o segui através dos corredores. Chegamos ao centro do navio onde havia uma espécie de poço, que se abria entre dois tabiques estanques. Uma escada de ferro presa na parede conduzia à sua extremidade superior. Perguntei ao capitão para que servia aquela escada.

- Vai dar ao bote - informou-me.

- Como? Tem um bote? - indaguei, surpreso.

- Sem dúvida. Uma excelente embarcação ligeira, insubmersível, que serve para passear e pescar.

Passamos à casa das máquinas. Profusamente iluminada, devia medir pelo menos vinte metros de comprimento, e estava dividida em duas partes: a primeira encerrava os elementos que produziam a eletricidade e a segunda os mecanismos que transmitiam o movimento à hélice.

Como eu já esperava, demoramo-nos muito pouco ali.

Sempre conversando, eu me lembrei de um assunto que gostaria de ver esclarecido.

- A propósito, capitão, o choque do “Nautilus” com o “Escócia” teve muita repercussão. Foi um encontro ocasional?

- Puramente ocasional, professor. Eu navegava a dois metros abaixo do nível do mar quando se produziu o choque. Aliás, eu pude verificar que esse navio não sofreu danos graves.

- De fato, não. Mas quanto ao choque com a “Abraham Lincoln”?

- A fragata estava me atacando, professor. Tive de me defender. No entanto, limitei-me a deixá-la em condições de não continuar o ataque.

Não terá problema em reparar as suas avarias em qualquer porto.

- Ah! - exclamei com convicção - o seu “Nautilus” é realmente um barco maravilhoso.

- Sim, professor - confirmou ele, emocionado. - Amo-o como se fosse carne da minha carne! Se tudo é perigo a bordo de qualquer navio sujeito aos caprichos do oceano, se sobre o mar a primeira coisa que nos vem é a sensação do abismo, como tão bem disse o holandês Jansen, por baixo e a bordo do “Nautilus”, o coração do homem fiada tem a recear. Não há que temer um rombo, porque o duplo casco deste navio tem a rigidez do ferro; não há o perigo do carvão se esgotar, porque a eletricidade é o seu agente mecânico; não receia tempestades, porque a alguns metros de profundidade reina a mais absoluta tranqüilidade.

Aqui tem, professor, o navio por excelência.

O Capitão Nemo falava com irresistível eloqüência. O fogo do seu olhar e a paixão dos seus gestos transfiguravam-no. Sim, ele gostava do navio como um pai gosta do filho.

Nesse momento, acudiu-me uma pergunta, talvez indiscreta, que não pude deixar de fazer.

engenheiro, Capitão Nemo?

- Sim, professor. Estudei em Londres, Paris e Nova Iorque no tempo em que era habitante dos continentes da terra.

### **Capítulo 13**

O oceano Pacífico estende-se de norte a sul, entre os dois círculos polares, e a leste e oeste, entre a Ásia e a América, numa extensão de cento e quarenta e cinco graus de longitude. É o mais tranqüilo dos mares, com correntes largas e lentas, marés fracas e chuvas abundantes.

Era este o oceano que o destino me levava a percorrer nas mais estranhas condições.

- Vamos determinar exatamente a nossa posição, professor - disse-me o Capitão Nemo - e fixarmos o ponto de partida desta viagem. São onze horas e quarenta e cinco minutos. Vou manobrar para emergir.

Ele premiu três vezes uma campainha elétrica e as bombas começaram a expulsar a água dos reservatórios; o ponteiro do manômetro assinalou, pela pressão, o movimento ascensional do “Nautilus” e depois parou.

- Chegamos - disse o capitão.

Dirigi-me à escada central que conduzia à plataforma. Subi os degraus de metal e pelos alçapões abertos cheguei à parte superior do submarino.

Munido do seu sextante o Capitão Nemo mediu a altura do sol, que lhe devia fornecer a latitude. Esperou alguns minutos para que o astro chegasse à linha do horizonte. Enquanto procedia a estas observações, nem um só músculo mexia em seu corpo, e o instrumento não estaria mais imóvel se fosse seguro por uma mão de mármore.

- É meio-dia - falou comigo. - Quando quiser...

Lancei um último olhar àquele mar amarelado, próximo de terras japonesas, e desci ao salão.

Ali, o capitão calculou cronometricamente a longitude, que verificou com observações procedentes dos ângulos solares. Depois disse-me: - Sr. Aronnax, encontramos-nos a cento e trinta e sete graus e quinze minutos de longitude oeste. . .

- De que meridiano? - perguntei vivamente, esperando que a sua resposta talvez me indicasse a sua nacionalidade.

- Professor - respondeu-me - tenho cronômetros regulados pelos meridianos de Paris, de Greenwich, e de Washington. Em sua honra, vou servir-me do de Paris.

Esta resposta nada me revelou. Fiz um aceno com a cabeça e o capitão continuou: - Trinta e sete graus e quinze minutos de longitude a oeste do meridiano de Paris e trinta graus e sete minutos de latitude norte, isto é, estamos a cerca de trezentas milhas das costas do Japão. Hoje, dia 8 de novembro ao meio-dia, iniciamos a nossa viagem de exploração submarina.

Que Deus nos proteja - falei.

- Agora, professor, peço-lhe licença para me retirar.

Cumprimentou-me e saiu. Fiquei só, absorto em meus pensamentos dirigidos para aquele estranho comandante. Descobriria um dia a que país pertencia aquele homem que se gabava de não pertencer a país nenhum? Aquele ódio que ele votava à humanidade, aquele ódio que talvez procurasse uma vingança, quem o teria provocado? Seria ele um desses sábios desconhecidos, um desses gênios "aos quais se fez uma ofensa"?

Absorto em meus pensamentos, só me dei conta da entrada de meus dois companheiros quando Ned Land começou a me interrogar sobre a minha entrevista com o Capitão Nemo. Ele queria saber se eu tinha descoberto quem era o capitão, de onde vinha, para onde ia, para que profundezas nos arrastava.

Contei-lhe tudo o que eu sabia, ou antes, tudo o que não sabia. Por minha vez perguntei-lhe o que tinha podido observar.

- Nada. Não vi nada - respondeu-me. - Nem sequer vi a tripulação do navio. Será que também é elétrica?

- Elétrica?

- Estou tentado a pensar que sim. Mas o senhor não faz nem uma idéia de quantos homens há a bordo? Dez, cinquenta, cem?

- Não lhe sei informar, Land. Aliás, você deve abandonar, de momento, a idéia de se apoderar do "Nautilus" e fugir. Este navio é uma obra-prima da indústria moderna e eu lamentaria perder a oportunidade de observá-lo à vontade. Muita gente aceitaria a situação em que nos encontramos só para poder passear no meio dessas maravilhas. Assim, mantenha-se calmo e tentemos ver o que se passa à nossa volta.

## Capítulo 14

No dia seguinte, 9 de novembro, só acordei após doze longas horas de sono. Conselho, segundo era seu hábito, foi saber como eu havia passado a noite e perguntar se eu precisava de alguma coisa. Tinha deixado o canadense ainda a dormir.

Depois de vestido, eu me dirigi ao salão onde pensava encontrar o Capitão Nemo. Estava deserto. Passei à sala do, museu da fauna submarina e me entretive apreciando aqueles tesouros encerrados em vitrinas.

Passou-se o dia inteiro sem que eu tivesse a honra de receber a visita do Capitão Nemo. Pude verificar que a rota do “Nautilus” continuava a mesma e que navegávamos a uma velocidade de doze milhas por hora, a uma profundidade entre cinquenta e sessenta metros.

No dia seguinte, 10 de novembro, verificou-se a mesma ausência, a mesma solidão. Não vi ninguém da tripulação. Ned Land e Conselho passaram a maior parte do dia comigo, igualmente surpreendidos com a ausência do capitão.

Contudo, gozávamos de inteira liberdade e tínhamos alimentos com abundância. O nosso hospedeiro cumpria a sua promessa. Nesse dia iniciei o diário dessas aventuras, o que me permite contá-las com a maior exatidão. Fato curioso: eu fazia minhas anotações num papel fabricado com sargaço marinho.

No dia 11 de novembro, de manhã, o ar fresco que invadiu o interior do “Nautilus” fez-me saber que tínhamos subido à superfície. Dirigi-me para a escada central e subi à plataforma. Eram seis horas. O tempo estava nublado, o mar cinzento, mas calmo e quase sem ondulação. Eu admirava aquele radioso nascer do sol quando senti alguém subindo a escada para a plataforma. Preparei-me para cumprimentar o Capitão Nemo, mas em vez dele apareceu o imediato. Percorreu a plataforma parecendo não se aperceber da minha presença. Perscrutou todos os pontos do horizonte com extrema atenção e depois se dirigiu para o alçapão pronunciando uma frase que guardei, porque ele a repetia todas as manhãs em que me encontrava na plataforma: “Nautron respoc Ioni virch”. Pronunciadas estas palavras ele descia. Eu não sabia o significado delas.

Passaram-se mais cinco dias sem que a situação se alterasse. O capitão não aparecia e todas as manhãs quando eu subia à plataforma ouvia a mesma frase pronunciada pelo imediato.

No dia 16 de novembro, ao entrar no meu quarto com Ned Land e Conselho, encontrei sobre a mesa um bilhete do Capitão Nemo. Convidava-me e aos meus companheiros para que o acompanhássemos em uma caçada às florestas da ilha Crespo.

- Uma caçada! - admirou-se Ned Land. - Então o capitão tenciona ir à terra - acrescentou.

- Parece-me que sim - disse eu, relendo o convite.

- Temos de aceitar o convite dele - falou o canadense. - Uma vez em terra firme decidiremos o que vamos fazer. Por outro lado, não me importava nada de comer um pedaço de carne fresca.

Decidimos que aceitaríamos o convite do capitão. Ned Land e Conselho se retiraram e o criado de bordo apareceu logo para me servir o jantar. Deitei-me mais cedo naquela noite e adormeci um pouco preocupado com Ned Land e a caçada para a qual fôramos convidados.

No dia seguinte, 17 de novembro, ao despertar senti que o “Nautilus” estava absolutamente imóvel. Vesti-me apressadamente e me encaminhei para o grande salão. O capitão encontrava-se a minha espera.

Cumprimentou-me e me perguntou se o acompanharíamos na caçada.

Respondi afirmativamente, esperando que ele me dissesse alguma coisa sobre o seu sumiço dos últimos dias. Mas ele não fez referência a isso e eu me abstive de lhe fazer qualquer pergunta sobre o assunto.

Contudo, lembrando-me de que o convite dele se referia a uma caçada “nas minhas florestas da ilha Crespo”, perguntei lhe: - Como é possível que possua florestas na ilha Crespo, capitão, se afirma ter cortado todos os seus contatos com a terra?

- As florestas que possuo, professor, não exigem do sol nem a sua luz, nem o seu calor. Não são freqüentadas nem por leões, nem por tigres, nem por panteras. Só eu as conheço, só existem para mim. Não são florestas terrestres, mas submarinas.

- Florestas submarinas!

- Exatamente, professor.

- E quer levar-me para caçar nelas?

- De espingarda na mão e a pé seco, professor.

Olhei o comandante do “Nautilus” com um ar que nada tinha de lisonjeiro para ele. “Decididamente está louco”, pensei. “Deve ter tido um ataque de loucura o que explica o seu desaparecimento nos últimos oito dias. É uma pena! Eu o preferia estranho, como sempre me parecera, a louco como me parece agora”, raciocinei, enquanto ele me olhava com um leve sorriso.

- Por convidá-lo a ir caçar comigo nas minhas florestas da ilha Crespo, professor - disse-me ele - julgou que eu estaria em contradição com as minhas convicções. Quando lhe informei que se tratava de florestas submarinas, passou a pensar que estou louco.

- Mas, capitão, creia que...

- Escute-me primeiro e verá se pode me acusar de contradição ou de loucura. Sabe tão bem quanto eu que o homem pode viver debaixo da água desde que leve consigo uma provisão de ar respirável.

- Sei. Usando escafandros.

- Exatamente. Mas, nas condições em que os conhece na terra esses aparelhos são muito imperfeitos ainda e dependem do fornecimento de ar através de um tubo apropriado que os liga à superfície. Esse sistema tolhe a liberdade do homem sob a água porque ele está preso à terra.

Se tivéssemos que ficar ligados por esse cordão umbilical ao “Nautilus”, não poderíamos ir longe.

- E qual é a maneira de se ficar livre e poder ir longe?

- Utilizando um aparelho Rouquayrol-Denayrouze, inventado por dois franceses, mas que aperfeiçoei para meu uso. O meu aparelho é composto por um reservatório de espessa chapa de ferro, dentro do qual armazeno o ar a uma pressão de cinquenta atmosferas. Este reservatório é fixo às costas por meio de correias, como a mochila de um soldado.

Como eu tenho de suportar enormes pressões no fundo dos mares, tive de proteger a cabeça, como os escafandristas, dentro de uma esfera de cobre, e é a essa esfera que vão dar os dois tubos para inspiração e expiração.

- Perfeitamente, capitão. Mas o ar que transporta consigo deve esgotar-se rapidamente.

- Sem dúvida; mas as bombas do "Nautilus" me permitem armazená-lo a uma pressão considerável. Nessas condições, o reservatório do aparelho pode fornecer ar respirável durante nove ou dez horas.

- Não tenho mais objeções - falei-lhe. - Gostaria apenas de lhe fazer mais uma pergunta: como ilumina o caminho no fundo do oceano?

- Com o aparelho Ruhmkorff que levo preso à cintura. É composto por uma pilha de Bunzen, que ativo com sódio e consigo uma luz esbranquiçada e contínua.

- A todas as minhas objeções o senhor dá respostas tão concludentes que não ousou duvidar, capitão. No entanto ainda preciso de esclarecimentos sobre as espingardas que usa nessas caçadas.

- Está evidente que não se trata de uma arma que usa a pólvora. As minhas espingardas funcionam com ar comprimida, que as bombas do "Nautilus" me fornecem abundantemente.

- Mas esse ar deve gastar-se depressa.

verdade. Mas tenho o reservatório Rouquayrol que pode, se necessário, fornecê-lo. Só preciso de uma torneira auxiliar. Aliás, o senhor terá ocasião de verificar que nessas caçadas submarinas se gasta pouco ar e poucas balas.

- Não discuto mais, capitão. Só me resta pegar na espingarda e acompanhá-lo. Para onde o senhor for irei também.

O Capitão Nemo conduziu-me para a proa do "Nautilus". Passando pelo camarote de Ned Land e Conselho, chamei-os e eles nos seguiram.

Chegamos a um compartimento situado a bombordo, perto da casa das máquinas, no qual devíamos vestir as nossas roupas de passeio submarino.

## Capítulo 15

Esse compartimento era o arsenal e o vestiário do "Nautilus". Havia pelo menos uma dúzia de escafandros suspensos na parede. Ao vê-los, Ned Land manifestou sua má vontade em vestir semelhante objeto.

- Mas, meu caro Ned - disse eu - vamos caçar em florestas submarinas!

- Não me meto dentro de uma coisa dessas, a não ser que me obriguem - declarou ele, peremptório.

- Ninguém o forçará, mestre Ned - falou o capitão.

- Quanto a mim, sigo o professor por toda a parte - disse Conselho, o meu fiel criado.

O capitão chamou dois de seus homens e eles nos ajudaram a vestir aquelas pesadas roupas impermeáveis, feitas de borracha sem costura e preparadas para resistir a altas pressões.

O Capitão Nemo, um dos seus homens - uma espécie de Hércules que devia ter uma força prodigiosa - Conselho e eu, vestimos rapidamente os nossos escafandros. Apenas faltava metermos as cabeças nas esferas metálicas. Antes de proceder a esta operação, pedi ao capitão para examinar as espingardas que nos estavam destinadas. Um dos tripulantes apresentou-me uma delas.

- Capitão Nemo, esta arma é perfeita e de manejo fácil. Estou ansioso para experimentá-la. Como vamos até o fundo do mar?

- Neste momento, professor, o "Nautilus" está encalhado e por isso só nos resta partir.

Com a lanterna Ruhmkorff à cintura e a espingarda na mão, eu estava pronto para o passeio. Mas, aprisionado dentro daquelas roupas pesadas e colado ao chão pelos sapatos de chumbo, julguei ser impossível dar um passo. Contudo, esta dificuldade já devia estar prevista, porque senti que me empurravam para um pequeno compartimento, próximo ao vestiário, no qual fui seguido pelos meus companheiros.

Ouvi uma porta munida de obturadores fechar-se atrás de nós e fomos envolvidos por uma profunda obscuridade.

Passados alguns minutos, ouvi um forte silvo, ao mesmo tempo que sentia uma impressão de frio subir-me dos pés ao peito. Era evidente que, por meio de uma torneira, tinham dado entrada à água que invadia o compartimento. Uma segunda porta existente no costado do "Nautilus" abriu-se então e vimos uma certa claridade. Após um instante, pisávamos o fundo do mar.

O Capitão Nemo ia à frente, enquanto o seu companheiro nos seguia a alguns passos de distância. Conselho e eu íamos muito perto um do outro, como se fosse possível qualquer conversa através de nossas carapaças metálicas. A luz do sol iluminava as águas até dez metros de profundidade e surpreendia-me com a sua intensidade. Os raios solares atravessavam com facilidade aquela massa líquida, atenuando-lhe a coloração.

Começamos a andar sobre uma areia fina, uniforme, sem rugosidade.

Aquele tapete extraordinário, verdadeiro refletor, reproduzia os raios solares resultando disso uma intensa reverberação que penetrava todas as moléculas líquidas. Mesmo para mim que estava presenciando o fenômeno, era incrível que a uma profundidade de dez metros, podia ver tão bem como em pleno dia.

Fomos avançando por uma vasta planície que parecia não ter limites. Eu afastava com a mão as cortinas líquidas, que se tornavam a fechar atrás de mim, e o vestígio dos meus passos logo desaparecia sob a pressão da água. Em breve algumas silhuetas de objetos, que eu mal distinguia à distância, foram tomando forma.

Eram então dez horas da manhã. Os raios solares batiam na superfície das águas formando um ângulo bastante oblíquo. Ao contato da sua.

luz, decomposta pela refração como através de um prisma, flores, rochedos, plantas, conchas, pólipos, matizavam-se com as sete cores do espectro solar. Era algo maravilhoso, uma festa para os olhos. Eu sentia verdadeira mágoa por esmagar sob os pés os belos espécimes de moluscos que juncavam o solo. Os pentes concêntricos, os martelos, as donácias, verdadeiras conchas saltitantes, os troques, os capacetes vermelhos, os estrombos asa-de-anjo, as afilas, e tantos outros exemplares daquele mar inesgotável. Mas era preciso avançar.

Tínhamos deixado o "Nautilus" há cerca de hora e meia. Era perto do meio-dia, fato de que me apercebi pela perpendicularidade dos raios solares, que já não se refratavam. A magia

das cores desapareceu pouco a pouco, e as tonalidades de esmeralda e de safira dissiparam-se do nosso horizonte. Avançávamos a passo regular, que se ouvia com surpreendente nitidez.

Naquele ponto, o solo começou a inclinar-se numa encosta pronunciada.

A luz tomou uma cor uniforme. Atingimos uma profundidade de cem metros, suportando então uma pressão de dez atmosferas. Porém, o meu escafandro estava concebido de tal forma que eu não sentia esta pressão, mas apenas uma certa dificuldade em mexer as articulações dos dedos, o que também não tardou a desaparecer. Quanto à fadiga, natural por aquele passeio de duas horas, dentro de uma roupa a que não estava habituado, era nula. Os meus movimentos, ajudados pela água, processavam-se com espantosa - facilidade.

Chegando à profundidade de trezentos pés, ainda via os raios solares, embora já muito fracos. Ao brilho intenso tinha sucedido um crepúsculo avermelhado, meio termo entre o dia e a noite. No entanto, ainda víamos o suficiente para caminharmos, e não se tornou necessário acendermos os aparelhos Ruhmkorff. Nessa altura, o Capitão Nemo parou. Esperou que eu chegasse junto dele. Com o dedo apontou-me umas massas obscuras que se avistavam a pouca distância. “É a floresta da ilha Crespo”, pensei. E não me enganava.

## Capítulo 16

Chegávamos enfim à floresta, sem dúvida uma das mais belas do imenso domínio do Capitão Nemo. Ele a considerava sua e julgava ter sobre ela os mesmos direitos que tinham os homens primitivos na alvorada da humanidade. Aliás, quem lhe disputaria aquela propriedade submarina? Que outro pioneiro mais ousado, viria, de machado na mão, cortar-lhe a mata?

Aquela floresta era composta por grandes plantas arborescentes, e assim que penetramos debaixo das suas ramagens, os meus olhos sentiram-se atraídos pela estranha disposição dos ramos, a qual nunca tinha visto até então nas florestas da superfície terrestre.

Nenhuma erva das que atapetavam o solo, nenhum ramo dos arbustos se enroscava ou se estendia num plano horizontal: todos subiam para a superfície do mar. Não havia um filamento, uma fita, por mais delgada que fosse, que não se mantivesse direita como se fosse um fio de ferro.

Notei também que todos os espécimes do reino vegetal: estavam presos ao solo apenas por uma ligação superficial. Desprovidos de raízes, indiferentes ao corpo sólido, areia, concha ou pedra, que as suportava apenas lhe pediam apoio e não vitalidade. Essas plantas provêm de si mesmas e o princípio de sua existência está na água, que as sustenta e alimenta.

Por volta de uma hora o Capitão Nemo fez sinal para que parássemos.

Por mim, fiquei muito satisfeito, e estendemo-nos debaixo de uma árvore, cujos longos e estreitos ramos se erguiam como flechas. Depois de quatro horas a andar, surpreendi-me por não sentir fome. Não sabia como explicar aquela disposição do estômago, mas em contrapartida, sentia uma irresistível vontade de dormir, como acontece a todos os mergulhadores. Portanto, os olhos não tardaram a fechar-se por trás do espesso vidro e mergulhei numa sonolência invencível, que até então tinha sido combatida pela marcha. O Capitão Nemo e o seu robusto companheiro, estendidos naquele líquido cristalino, também se entregaram ao sono.

Não posso precisar por quanto tempo permaneci naquela letargia, mas quando acordei pareceu-me que o sol se punha no horizonte. O capitão já se erguera, e eu começava a desentorpecer os membros quando uma inesperada aparição me fez levantar bruscamente.

A alguns passos de distância, uma monstruosa aranha do mar, com um metro de altura, olhava-me com os seus olhos vesgos, prestes a atirarse sobre mim. Embora o meu escafandro fosse suficientemente espesso para me defender contra as mordeduras da aranha não pude evitar um movimento de horror. O Capitão Nemo apontou ao seu companheiro o hediondo animal, que foi imediatamente abatido com uma coronhada. Vi as horríveis patas do monstro contorcerem-se em convulsões terríveis.

Esse episódio levou-me a pensar que outros animais ainda mais temíveis habitavam aquelas profundidades e que o meu escafandro não me protegeria contra os seus ataques. Até então ainda não me ocorrera tal idéia e decidi ter mais cuidado.

Por volta das quatro horas, aquela maravilhosa excursão chegou ao seu termo. Erguia-se diante de nós uma muralha de rochas soberbas, blocos gigantescos, enorme falésia de granito com grutas obscuras, mas sem nenhum caminho praticável. Eram as escarpas da ilha Crespo. Era a terra.

O capitão parou de repente. Com um gesto indicou-nos que fizéssemos o mesmo. Ali acabavam-se os seus domínios e ele não queria ultrapassá-los. Para diante era aquela porção do globo terrestre que ele não queria tornar a pisar.

De regresso ao “Nautilus” andávamos calmamente quando vi o Capitão Nemo apontar a arma e seguir um vulto móvel que se insinuava entre os arbustos. A bala partiu, ouvi um fraco silvo e um animal foi cair fulminado a alguns passos de nós. Era uma magnífica lontra do mar, o único quadrúpede exclusivamente marinho. O companheiro do capitão apanhou o animal, colocou-o sobre os ombros e continuamos a caminhar.

Durante duas horas atravessamos, ora planícies arenosas ora pradarias de sargaço, muito difíceis de se caminhar nelas. Francamente eu já não agüentava mais, quando avistei uma luz fraca a cerca de, meia milha, rompendo a obscuridade das águas. Era o farol do “Nautilus”. Fiquei realmente satisfeito com a proximidade do descanso.

Eu tinha ficado uns vinte passos para trás, quando vi o Capitão Nemo retroceder em minha direção. Com a sua mão vigorosa atirou-me ao chão, enquanto o seu companheiro fazia o mesmo ao meu criado. A princípio eu não soube o que pensar daquele ataque brusco, mas fiquei mais tranqüilo ao ver que o capitão se deitava a meu lado e permanecia imóvel. Estávamos estendidos no solo e abrigados por uma moita de sargaços, quando ao levantar a cabeça vi duas enormes massas que passavam ruidosamente, lançando clarões fosforescentes.

O sangue gelou-se-me nas veias ao reconhecer os enormes esqualos que nos ameaçavam. Era um casal de “tintoreas”, terríveis tubarões, com uma cauda comprida, olhar vítreo, que expelem uma matéria fosforescente por uns orifícios que possuem à volta do focinho. Animais monstruosos, que podem triturar um homem com os seus maxilares de ferro.

Felizmente esses vorazes animais têm uma visão muito débil, e passaram por nós sem nos ver, roçando-nos com as suas barbatanas negras.

Pudemos escapar como que por milagre àquele grande perigo, certamente maior do que o que existe num encontro com um tigre das florestas terrestres.

Três minutos depois, orientados pelo foco elétrico, estávamos entrando no “Nautilus”.

## Capítulo 17

Na manhã seguinte, dia 18 de novembro, já feito das fadigas da véspera, subi à plataforma no momento em que o imediato pronunciava a sua frase quotidiana. Veio-me então a idéia de

que ele devia estar informando sobre o estado do mar e que as suas palavras significariam: "Nada à vista!" Eu admirava o magnífico aspecto do oceano, quando o Capitão Nemo apareceu. Tive a impressão de que ele não se apercebeu da minha presença e iniciou uma série de observações técnicas. Terminado o trabalho, foi encostar-se ao farol e o seu olhar perdeu-se no horizonte.

Entretanto, uns vinte marinheiros do "Nautilus", todos eles homens vigorosos e bem constituídos, tinham subido à plataforma para puxar as redes lançadas durante a noite. Percebi que os homens eram oriundos de nações diferentes, embora o tipo europeu fosse comum a todos.

Reconheci irlandeses, franceses, alguns escandinavos e um grego. Aliás, esses homens eram muito sóbrios de palavras, e só utilizavam entre si aquele estranho idioma, cuja origem eu nem suspeitava. Assim, tive de renunciar ao meu desejo de interrogá-los.

As redes foram içadas para bordo. Calculei que tinham trazido mais de mil libras de peixes. Terminada a pesca e renovada a provisão de ar, pensei que o "Nautilus" iria continuar a sua excursão submarina e me preparava para descer ao meu quarto quando, virando-se para mim, o Capitão Nemo disse: - Veja este oceano, professor. Não é dotado de uma vida real? Não tem as suas iras e ternuras? Ontem adormeceu como nós, e agora desperta após uma noite de calma.

Nem bom-dia, nem boa-noite! Parecia que aquele estranho personagem reatava comigo uma conversa suspensa poucos minutos antes. Ele continuou falando: - Repare: desperta com as carícias do sol. Vai reviver a sua existência diurna. É um estudo interessante seguir o funcionamento do seu organismo.

Possui pulso, artérias, espasmos e dou razão ao sábio Maury, que descobriu no mar uma circulação tão real como a circulação sanguínea nos animais.

Era evidente que o Capitão Nemo não esperava qualquer resposta minha, e pareceu-me inútil pronunciar as habituais banalidades. Após uma breve pausa, ele continuou: - Os sais encontram-se em quantidade considerável no mar. Se extraíssem todos os sais que o mar contém em suspensão, obteríamos uma massa de quatro e meio milhões de léguas cúbicas. Essa massa, espalhada no globo terrestre, formaria uma camada com mais de dez metros de altura. E não pense que a presença desses sais se deve a um capricho da natureza. Não! Tornam as águas marinhas menos evaporáveis e impedem o vento de lhes roubar uma quantidade demasiado grande de vapores que, ao se liquefazerem, submergiriam as zonas temperadas.

Papel importante e imenso, papel moderador na economia geral do globo terrestre.

Ao falar desse modo, o Capitão Nemo transfigurava-se, o que provocava em mim uma extraordinária emoção.

- Aqui - continuou ele - existe a verdadeira vida. Imagine a fundação de cidades aquáticas, de aglomerados de casas submarinas que, como o "Nautilus", subissem todas as manhãs à superfície dos mares para respirar. Cidades livres, cidades independentes! E daí, talvez algum tirano...

O Capitão Nemo disse essas últimas palavras e fez um gesto violento.

Depois, como que para afastar algum pensamento funesto, perguntou-me: - O professor sabe qual é a profundidade média dos oceanos?

- Sei apenas o que as últimas sondagens nos revelaram. Se não me engano, verificou-se uma profundidade média de oito mil e duzentos metros no Atlântico Norte e de dois mil e quinhentos metros no Mediterrâneo.

As sondagens mais importantes foram feitas no Atlântico Sul, perto do trigésimo quinto grau, e deram: doze mil metros, quatorze mil e noventa e um metros e quinze mil cento e quarenta e nove metros.

Resumindo, calcula-se que se o fundo do mar fosse uniforme teria uma profundidade média de cerca de sete quilômetros.

- Espero mostrar-lhe algo melhor do que isso - disse-me o capitão. - Quanto à profundidade média desta zona do Pacífico, digo-lhe que é de apenas quatro mil metros.

Dito isto, dirigiu-se para o alçapão e desapareceu pela escada. Eu o segui e fui para o salão. A hélice pôs-se imediatamente em movimento e o navio atingiu uma velocidade de vinte milhas por hora.

Nos dias e semanas que se seguiram, eu o vi muito raramente. O imediato fazia o ponto de nossa posição todos os dias e o assinalava no mapa. Assim eu podia seguir a rota do "Nautilus".

Conselho e Land passavam muitas horas comigo. Conselho tinha contado ao amigo as maravilhas do nosso passeio e o canadense lamentava não nos ter acompanhado. Para consolo dele, todos os dias, durante algumas horas, abriam-se os painéis do salão e os nossos olhos nunca se cansavam de apreciar os mistérios do mundo submarino.

No dia 26 de novembro, às três horas da manhã, o "Nautilus" chegou ao Trópico de Câncer, a cento e setenta e dois graus de longitude. A 27, passou pelas ilhas Sandwich, onde o ilustre Capitão Cook encontrou a morte no dia 14 de fevereiro de 1779. Tínhamos então percorrido quatro mil oitocentas e sessenta léguas desde a partida.

De manhã, quando subi à plataforma, avistei, a duas milhas para sotavento, o Havaí, a maior das sete ilhas que formam o arquipélago do mesmo nome. A direção do "Nautilus" mantinha-se para sueste. Passou o Equador no dia 1.º de dezembro, a 142º de longitude, e no dia 4 do mesmo mês, após uma rápida travessia que decorreu sem qualquer incidente, avistamos o grupo das ilhas Marquesas- Distingui a três milhas, a 800 57' de latitude sul e 1390 32' de longitude oeste, a ponta Martin, de NoukaHiva, a ilha principal deste grupo, que pertence à França. Vi apenas as montanhas cobertas de arvoredo, que se desenhavam no horizonte, porque o Capitão Nemo não gostava de se aproximar de terra.

Após ter deixado essas ilhas paradisíacas, protegidas pela bandeira francesa, o "Nautilus" percorreu, do dia 4 ao dia 11 de dezembro, cerca de duas mil milhas. Passei o dia 11 de dezembro a ler no grande salão. Ned Land e Conselho observavam as águas luminosas através dos painéis entreabertos' O "Nautilus" mantinha-se agora imóvel. Com os reservatórios cheios, conservava-se a uma profundidade de mil metros, região pouco habitada, onde os peixes de grande porte apareciam de vez em quando.

Eu lia o encantador livro de Jean Macé "Les Serviteurs de l'estomac", saboreando as suas engenhosas lições, quando Conselho me interrompeu: - Queira desculpar-me, professor, mas venha ver isso aqui.

Levantei-me, aproximei-me do vidro e olhei pelo painel.

Iluminada pela luz elétrica, uma enorme massa escura e imóvel mantinha-se suspensa no meio das águas. Observei-a atentamente, tentando reconhecer a natureza do gigantesco cetáceo. Mas de repente um pensamento atravessou-me o espírito.

- É um navio! - exclamei.

- Sim - confirmou o canadense. - Um navio que naufragou.

Tínhamos diante de nós um navio, cujos cabos cortados pendiam ainda das respectivas cadeias. O casco parecia estar em bom estado e o naufrágio devia ter ocorrido poucas horas antes. Três pedaços de mastros, cortados dois pés acima do convés, indicavam que o navio se vira forçado a sacrificar a mastreação. Mas, adernando de flanco, tinhase enchido de água e afundara, inclinado para bombordo. Triste espetáculo, ver aquela carcaça perdida nas águas. Ainda mais triste era ver os cadáveres no convés, amarrados por cordas. Vi quatro homens, um dos quais se mantinha de pé, preso ao leme, e uma mulher meio saída pela clarabóia do tombadilho, segurando uma criança nos braços. Era uma mulher jovem, pois pude ver-lhe claramente as feições iluminadas pelo farol do “Nautilus”. Num esforço supremo, ela tinha erguido o filho acima da cabeça, pobre criatura cujos bracinhos se agarravam ao pescoço da mãe. A postura dos quatro marinheiros era assustadora, contorcendo-se em movimentos convulsivos, fazendo um derradeiro esforço para se libertarem das cordas que os prendiam ao navio. Só, mais calmo, o rosto grave e sério, cabelos grisalhos colados à testa e as mãos crispadas no leme, o timoneiro parecia ainda conduzir o seu navio naufragado através das profundezas do oceano.

Que espetáculo! Ficamos mudos, com os corações a palpitem diante daquele naufrágio recente, e por assim dizer fotografado nos seus momentos derradeiros. Via já avançar, com os olhos inflamados, enormes esqualos, atraídos por aquelas iscas de carne humana.

Entretanto, o “Nautilus”, dando uma volta ao navio submerso, permitiu-me ler-lhe na ré: “Flórida, Sunderland”.

## Capítulo 18

Esse horroroso espetáculo inaugurou a série de catástrofes marítimas que o “Nautilus” iria encontrar em sua rota. Desde que navegávamos por mares freqüentados, víamos muitas vezes cascos naufragados que acabavam por apodrecer entre suas águas. A maior profundidade víamos canhões, balas, âncoras, correntes e mil outros objetos de ferro sendo devorados pela ferrugem.

Entretanto, sempre conduzidos pelo “Nautilus”, onde vivíamos isolados, avistamos, no dia 11 de dezembro, o Arquipélago Pomotu, antigo “grupo perigoso” de Bougainville. Esse arquipélago cobre uma superfície de trezentas e setenta léguas quadradas e é formado por sessenta grupos de ilhas, entre as quais se destaca o grupo Gambier, ao qual a França impôs o seu protetorado. Um crescimento lento mas contínuo dessas ilhas coralíneas, há de um dia ligá-las entre si. Depois, esta ilha irá unir-se aos arquipélagos vizinhos, e surgirá um quinto continente que se estenderá desde a Nova Zelândia e a Nova Caledônia até as ilhas Marquesas.

No dia em que expus esta minha teoria ao Capitão Nemo, ele me respondeu, friamente: - Não é de novos continentes que a terra precisa, professor, mas de novos homens!

A 15 de dezembro deixamos para leste o encantador Arquipélago da Sociedade e a graciosa Taiti, rainha do Pacífico. De manhã avistei, a algumas milhas a sotavento, os cumes elevados desta ilha. As suas águas forneceram para a mesa de bordo excelentes peixes, tais como cavalas, bonitos, albacoras e algumas variedades de uma serpente do mar chamada “munérophis”.

O “Nautilus” já havia navegado oito mil e cem milhas. Nove mil setecentas e vinte milhas era o total percorrido quando passou entre o Arquipélago Tonga-Tabu, onde pereceram as

equipagens do “Argo”, do “Port-au-Prince” e do “Dulce of Portland”, e o Arquipélago dos Navegadores, onde foi morto o Capitão Langle, amigo de La Pérouse.

A seguir passou perto do Arquipélago Viti, onde os indígenas chacinaram os marinheiros do “Union” e o Capitão Bureau, de Nantes, comandante do “Aimable Joséphine”.

Esse arquipélago prolonga-se por uma extensão de cem léguas, de norte para o sul, e de noventa léguas de leste para oeste, e está compreendido entre 6° e 2° de latitude sul e 174° e 179° de longitude oeste. É composto por um certo número de ilhas, ilhotas e escolhos, entre os quais se salientam as ilhas Viti-Levu, Vanua-Levu e Kandubon.

Foi Tasman quem descobriu o arquipélago, em 1643, o mesmo ano em que Torricelli inventava o barômetro e Luís XIV subia ao trono da França. Qual desses acontecimentos foi mais útil à humanidade? Vieram a seguir: Cook, em 1714, d'Entrecasteaux, em 1793, e finalmente Dumont d'Urville, em 1827, que decifrou todo o caos geográfico do arquipélago. O “Nautilus” aproximou-se da Baía de Wailea, cenário das terríveis aventuras do Capitão Dillon, o primeiro homem que conseguiu esclarecer o mistério do naufrágio de La Pérouse.

No dia 25 de dezembro, navegava o “Nautilus” no meio do arquipélago das Novas Hébridas, que Queirós descobriu em 1606, que Bougainville explorou em 1768 e ao qual Cook deu, em 1773, o nome atual.

Era dia de Natal. Ned Land lamentou que não se celebrasse, a bordo do “Nautilus”, o Christmas, verdadeira festa de família pela qual os protestantes têm muito respeito.

Há oito dias eu não via o Capitão Nemo. No dia 27 pela manhã ele entrou no grande salão, sempre com o ar de um homem que nos deixou há cinco minutos. Eu estava entretido em seguir no planisfério a rota do “Nautilus”. Ele se aproximou, indicou um ponto no mapa e pronunciou uma única palavra - Vanikoro.

Era uma palavra mágica. Era o nome das ilhotas onde haviam naufragado os navios de La Pérouse. Levantei-me interessado e perguntei - O “Nautilus” ruma para Vanikoro?

- Exatamente - informou-me o capitão.
- E poderei visitar as célebres ilhas onde se despedaçaram o “Bússola” e o “Astrolábio”?
- Se assim o desejar, professor.
- Falta-nos muito para chegarmos lá?
- Estamos em Vanikoro!

Seguido pelo Capitão Nemo, subi à plataforma de onde perscrutei avidamente o horizonte. Bem próximo de mim, o capitão me perguntou o que eu sabia sobre o naufrágio de La Pérouse.

- O que toda a gente sabe - respondi.
- E pode dizer-me o que toda a gente sabe? - perguntou-me, num tom irônico.
- Com todo o prazer, capitão.

Contei-lhe então o que os últimos trabalhos de Dumont d'Urville tinham revelado.

Em 1785, La Pérouse e o seu imediato, o Capitão De Langle, receberam ordens de Luís XVI para efetuarem uma viagem de circunavegação.

Partiram nas corvetas “Bússola” e “Astrolábio”, que nunca mais regressaram. Em 1791, o governo francês, justamente alarmado com o destino dos dois navios, armou duas grandes embarcações, a “Recherche” e a “Espérance”, que zarparam de Brest a 28 de setembro, sob o comando de d’Entrecasteaux. Dois meses depois, sabia-se, pelas declarações de um tal Bowen, comandante da “Albermale”, que haviam sido avistados destroços de navios naufragados junto das costas da Nova Geórgia.

Mas d’Entrecasteaux, ignorando essas informações, muito imprecisas aliás, dirigiu-se para as ilhas do Almirantado, apontadas como sendo o local do naufrágio de La Pérouse num relatório do Capitão Hunter.

As suas buscas foram infrutíferas. A “Espérance” e a “Recherche” passaram ao largo de Vanikoro, sem se deterem. Em suma, a missão foi um completo malogro, tendo além disso custado a vida a d’Entrecasteaux, a dois dos seus imediatos, assim como a vários membros da tripulação.

Foi um velho lobo-do-mar, o Capitão Dillon, o primeiro a encontrar vestígios indiscutíveis dos naufragados. A 15 de maio de 1824, o seu navio, o “Saint-Patrick”, passou perto da ilha Tikopia, uma das Novas Hébridas. Ali foi abordado por um indígena numa piroga, que lhe vendeu um punho de espada, de prata, que tinha sinais de caracteres gravados com buril. O indígena informou ainda que seis anos antes, durante uma sua estada em Vanikoro, tinha visto dois europeus que pertenciam a navios naufragados há muitos anos nos recifes da ilha.

Dillon calculou que se trataria dos navios de La Pérouse, cujo desaparecimento emocionara o mundo. Quis ir a Vanikoro onde, segundo o indígena, encontraria numerosos destroços do naufrágio. Mas os ventos e as correntes não permitiram que ele chegasse à ilha.

Dillon regressou então a Calcutá onde conseguiu interessar pela sua descoberta a Sociedade Asiática e a Companhia das Índias. Foi posto à sua disposição um navio ao qual deram também o nome de “Recherche”, e ele partiu no dia 23 de janeiro de 1827, levando consigo um agente francês.

O navio, depois de ter tocado em vários pontos do Pacífico, lançou âncora diante de Vanikoro em 7 de julho de 1827, no mesmo porto de Vanu onde se encontrava o “Nautilus” naquele momento.

Ali ele recolheu numerosos restos do naufrágio: utensílios de ferro, âncoras, estropos de roldanas, uma bala de dezoito milímetros, instrumentos de astronomia já estragados, uma sineta de bronze com a inscrição “Bazin fez”, marca da fundição do Arsenal de Brest por volta de 1785. Não restavam, portanto, dúvidas.

Dillon permaneceu no local do sinistro até o mês de outubro, a fim de completar as suas investigações. Depois deixou Vanikoro e se dirigiu para a Nova Zelândia. Fundeou em Calcutá a 7 de abril de 1828 e voltou a França, onde foi calorosamente acolhido por Carlos X.

Contudo, por essa altura, Dumont d’Urville, que desconhecia as investigações de Dillon e os seus resultados, tinha já partido para procurar em outras paragens o local do naufrágio. Com efeito, soubera-se por um baleeiro que algumas medalhas e uma cruz de São Luís foram vistas com os indígenas da Luisiana e da Nova Caledônia.

Dumont d’Urville, que comandava o “Astrolábio”, fez-se ao mar. Dois meses depois de Dillon ter deixado Vanikoro, ele fundeava diante de Hobart Town, onde teve conhecimento dos resultados obtidos por Dillon. Ainda nessa cidade ele foi informado de que um tal James Hobbs, imediato do “Union”, de Calcutá, ao pisar terra numa ilha situada a 8° 18' de latitude sul e 156° 30' de longitude leste, tinha visto barras de ferro e tecidos vermelhos nas mãos dos indígenas.

Dumont d'Urville, bastante perplexo e não sabendo se devia acreditar nessas histórias divulgadas por jornais pouco dignos de confiança, decidiu seguir as pegadas de Dillon.

A 10 de fevereiro de 1828, chegava o "Astrolábio" a Tikopia. Ele tomou por guia e intérprete um desertor que havia se fixado naquela ilha, navegou para Vanikoro, que avistou a 12 de fevereiro, transpôs os seus recifes e só no dia 20 fundeou no porto de Vanu.

No dia 23, seus oficiais deram uma volta à ilha e recolheram alguns destroços sem importância. Os indígenas, com evasivas, recusaram-se a conduzi-los ao local do sinistro. Esta conduta, que se lhes afigurou muito suspeita, levou-os a pensar que os naturais da ilha teriam maltratado os náufragos. De fato eles pareciam recear que Dumont d'Urville tivesse ido à ilha para vingar La Pérouse e os seus infelizes companheiros.

Nó entanto, a 26, os indígenas, convencidos com presentes e entendendo que nada tinham a recear, levaram o imediato Jacquinot ao local do naufrágio. Ali, a três ou quatro braças de profundidade, entre os recifes Pacu e Vanu, jaziam âncoras, canhões, barras de ferro e de chumbo.

Com muito custo a chalupa e a baleeira do "Astrolábio" chegaram ao local, e os marinheiros conseguiram retirar das águas uma âncora pesando mil e oitocentas libras, um canhão de ferro fundido, uma barra de chumbo e duas peças de cobre.

Interrogando os indígenas, Dumont d'Urville conseguiu saber que La Pérouse, depois de ter perdido os seus dois navios nos rochedos da ilha, havia construído uma embarcação menor, que por sua vez afundaria...

Em que local? Ninguém sabia.

O comandante do "Astrolábio" mandou erigir um monumento à memória do célebre navegador e dos seus companheiros. Era uma simples pirâmide quadrangular, apoiada numa base de corais, desprovida de qualquer coisa que pudesse suscitar a cobiça dos indígenas.

Tencionava Dumont d'Urville fazer-se ao mar imediatamente, mas a sua tripulação estava minada pelas febres muito comuns naquelas costas.

Ele próprio foi atacado por elas e só pôde levantar âncora no dia 17 de março. Nesse meio tempo o governo francês, receando que Dumont d'Urville não estivesse sabendo das pesquisas de Dillon, enviara a Vanikoro a corveta "Bayonnaise", comandada por Legoarrant de Tromelin. A "Bayonnaise" fundeou diante de Vanikoro alguns meses após a partida do "Astrolábio" e não encontrou qualquer documento novo. Pôde verificar que os indígenas haviam respeitado o monumento de La Pérouse.

Terminei nesse ponto o resumo do relato que fiz ao Capitão Nemo.

Sem me dizer uma palavra ele me fez um sinal para acompanhá-lo até o salão. O "Nautilus" mergulhou alguns metros e os painéis se abriram.

Precipitei-me para o vidro e avistei alguns destroços. Cabos de ferro, âncoras, canhões, balas, uma guarnição de cabrestante, uma roda de proa e outros objetos provenientes de navios naufragados, cobertos de plantas marinhas.

Enquanto eu observava esses destroços, o Capitão Nemo disse-me: - O Comandante La Pérouse partiu no dia 7 de dezembro de 1785 com os seus navios "Bússola" e "Astrolábio". Fundeou primeiro em Botany Bay, visitou o Arquipélago dos Amigos e a Nova Caledônia.

Dirigiu-se para Santa Cruz e aportou em Namuka, uma das ilhas do grupo Havaí. Depois os seus navios chegaram aos recifes desconhecidos de Vanikoro. O “Bússola”, que navegava à frente, encalhou na costa meridional, o mesmo acontecendo ao “Astrolábio”, que fora em socorro dele. O primeiro desfez-se quase imediatamente, mas o segundo, encalhado a sotavento, resistiu alguns dias. Os indígenas deram bom acolhimento aos náufragos e eles se instalaram na ilha, tendo construído uma embarcação bem pequena com o que puderam aproveitar dos dois navios. Alguns marinheiros decidiram volurftariamente ficar na ilha, enquanto os outros, fracos e doentes, partiram com La Pérouse. Dirigiram-se para as ilhas Salomão e pereceram na costa ocidental da ilha principal do grupo, entre os Cabos Decepção e Satisfação!

- Como sabe de tudo isso? - indaguei.

- Através do que encontrei no local desse último naufrágio.

O Capitão Nemo mostrou-me uma caixa de latão com as armas da França gravadas, já corroída pelas águas do mar. Abriu-a e vi um maço de papéis amarelados mas ainda legíveis. Eram as instruções do próprio Ministro da Marinha ao Comandante La Pérouse, com anotações do punho de Luís XVI.

- É uma bela morte para um marinheiro! - disse o Capitão Nemo. - É um túmulo tranqüilo este, feito de corais. Deus queira que tanto eu como os meus companheiros nunca tenhamos outro!

Durante a noite de 27 para 28 de dezembro, o “Nautilus” deixou a região de Vanikoro a grande velocidade. Tomou a direção sudoeste e em três dias percorreu as setecentas e cinquenta léguas que separam o grupo Lã Pérouse da ponta sueste da Papuásia.

No dia 1.º de janeiro de 1868, Conselho foi ao meu encontro na plataforma.

- Dá-me licença para lhe desejar um bom Ano Novo, senhor? - perguntou-me, com a gentileza que o caracterizava.

- Aceito e agradeço os seus votos, meu amigo. É como se estivéssemos em Paris, no meu gabinete do Jardim Botânico. Apenas lhe pergunto o que você entende por “um bom Ano Novo” nas circunstâncias em que nos encontramos. Será um ano que porá fim à nossa clausura ou um ano que verá continuar esta estranha viagem?

- Para lhe ser franco, senhor, não sei o que responder - disse-me Conselho. - É verdade que temos visto coisas curiosíssimas e nesses dois meses não tivemos tempo para nos aborrecermos. A última maravilha é sempre mais surpreendente do que a anterior e se esta progressão continuar, eu não sei onde chegaremos. Na minha opinião, em nenhuma outra época teremos outra oportunidade como esta.

- Nunca, Conselho.

- Além disso, o senhor Nemo vem cumprindo à risca a promessa que nos fez. Não tem nos incomodado de modo algum.

- Tem razão. Gozamos de inteira liberdade aqui.

- Penso, portanto, que não desagradará ao senhor se eu disser que um bom ano será aquele que nos permitir ver tudo...

- Tudo? Isso talvez leve muito tempo. Entre vocês, como Ned Land está reagindo a essa situação?

- As idéias dele são exatamente opostas às minhas, senhor. Ned é um espírito positivo e um estômago imperioso. Observar os peixes e comê-los não é suficiente para ele. A falta de vinho, pão e carne é demais para um digno saxão, familiarizado com bifés e habituado a beber gim ou “brandy”.

- Pela minha parte, isso não me atormenta, Conselho. Adaptei-me muito bem ao regime de bordo.

- Eu também - disse-me ele. - Será por isso que eu penso tanto em ficar, como Ned Land em fugir. Portanto, se o ano que começa não for bom para mim, sê-lo-á para ele e vice-versa. Assim, sempre haverá alguém satisfeito. Para concluir, o que eu realmente desejo é que aconteça o que mais agrada ao senhor.

- Obrigado, meu amigo. Peço-lhe apenas que aguarde para outra ocasião a troca dos presentes, e que agora a substituamos por um bom aperto de mão. No momento é a única coisa que tenho.

- O senhor nunca foi tão generoso - respondeu ele, com rara felicidade.

No dia 2 de janeiro havíamos percorrido onze mil trezentas e quarenta milhas, desde a nossa partida dos mares do Japão. Diante do esporão do “Nautilus” estendiam-se as perigosas paragens do mar de Coral, na costa nordeste da Austrália. A 4 de janeiro avistamos as costas da Papuásia. Nessa altura o Capitão Nemo me informou de sua intenção de chegar ao Oceano Índico através do Estreito de Torres. Falei sobre isso a Ned Land e ele ficou satisfeito. Aquela rota nos aproximava dos mares europeus.

O Estreito de Torres é considerado perigoso, tanto pelos escolhos que o semeiam como pelos terríveis selvagens que habitam as suas margens.

Separa da Nova Holanda a grande ilha da Papuásia, também chamada de Nova Guiné.

O “Nautilus” chegou à entrada do estreito mais perigoso de todas as rotas marítimas conhecidas, uma passagem da qual se afastam até os navegadores mais corajosos, estreito que Luís Paz de Torres atravessou vindo dos mares do sul para a Malásia, e no qual, em 1840, as corvetas de Dumont d’Urville quase se perderam. O próprio “Nautilus”, superior a todos os perigos do mar, iria ter problemas com aqueles recifes coralíneos.

O Estreito de Torres tem cerca de trinta e quatro léguas de largura, mas está obstruído por numerosas ilhas, ilhotas, escolhos, que tornam a navegação quase impraticável através dele. O Capitão Nemo tomou todas as precauções para atravessá-lo. O “Nautilus”, navegando á superfície, avançava a uma velocidade moderada. A sua hélice, como a cauda de um cetáceo, agitava as águas com lentidão.

Aproveitando essa calma, eu e meus companheiros fomos para a plataforma. Diante de nós elevava-se a caixa do timoneiro. Era o próprio Capitão Nemo quem se encontrava a dirigir o seu barco. O mar encrespava-se ondulando ao nosso redor.

Eram três horas da tarde. Eu conversava com Ned Land sobre o local perigoso que estávamos atravessando. De repente fui derrubado por um choque. O “Nautilus” acabava de bater num escolho e se imobilizara, ligeiramente inclinado para bombordo. Quando me levantei, vi o Capitão Nemo e o seu imediato examinando o estado do navio e trocando algumas palavras em seu idioma incompreensível. Tínhamos encalhado num desses mares em que as marés são fracas, circunstância desfavorável para o desencalhe do barco.

No entanto, o “Nautilus” não havia sofrido qualquer dano. O grande risco era de que ele ficasse preso para sempre naqueles escolhos. Eu pensava nessa desagradável possibilidade, quando o capitão, frio e calmo, sempre senhor de si, parecendo não estar

contrariado e nem sequer emocionado, aproximou-se de mim e disse : - Um simples incidente.

- Mas que talvez o force a pisar a terra de que fugiu! - atrevi-me a falar.

Ele me olhou sem demonstrar a mínima irritação e fez um gesto negativo, no qual se via a sua determinação de nunca tornar a pôr os pés num continente. Então disse: - A nossa viagem mal começou, Sr. Aronnax. Não desejo privar-me tão depressa do prazer de sua companhia.

- No entanto, capitão - repliquei, ignorando o tom irônico da frase dele - o "Nautilus" encalhou na maré alta. Ora, as marés são fracas no Pacífico e como não pode tirar o lastro do seu barco, não sei como poderá desencilhá-lo.

- As marés não são fortes no Pacífico, professor. Mas no Estreito de Torres verifica-se uma diferença de um metro e meio entre o nível das águas nas marés alta e baixa. Hoje é dia 4 de janeiro e dentro de cinco dias teremos lua cheia. Muito me surpreenderia se esse bondoso satélite não levantasse suficientemente as águas, prestando-me um serviço que só a ele quero ficar a dever.

Dito isso, chamou o seu imediato e desceram para o interior do submarino.

- Então? - perguntou-me Ned Land, aproximando-se.

- Esperaremos tranqüilamente pela maré do dia 9. Segundo o Capitão Nemo, a lua fará o favor de nos fazer flutuar de novo.

- O senhor pode acreditar em mim: este monte de ferro não tornará a navegar nem em cima e nem debaixo das águas. Agora só serve para a sucata - vaticinou ele. - Portanto, acho que chegou o momento de deixarmos a companhia do Capitão Nemo.

- Eu não penso como você, meu caro Ned. Dentro de quatro dias saberemos como agem as marés do Pacífico neste estreito. Aliás, a idéia de fugirmos poderia ser oportuna se estivéssemos à vista das costas da Inglaterra ou da Provença, mas nas costas da Papuásia...

- Mas pelo menos não poderíamos ir à terra, já que vamos ficar parados aqui todos esses dias? - perguntou Ned e acrescentou: - Ali está uma ilha onde há árvores e animais terrestres que forneceriam bons bifés e boas costeletas, nas quais eu daria umas dentadas com imensa satisfação.

- Quanto a isso eu tenho a mesma opinião de Ned Land, professor - disse Conselho. - O senhor poderia conseguir que o Capitão Nemo nos mandasse levar a terra, pelo menos para não perdermos o hábito de pisar as partes sólidas do nosso planeta.

- Posso experimentar - concordei - mas estou certo de que ele se recusará.

- Pelo menos ficaremos informados sobre a amabilidade do capitão - ponderou o meu criado.

Para minha grande surpresa, o Capitão Nemo concedeu a autorização sem qualquer dificuldade, sem mesmo ter exigido a promessa de voltarmos para bordo.

O bote foi posto à nossa disposição para a manhã seguinte. Não procurei saber se o Capitão Nemo nos acompanharia. No dia seguinte, 5 de janeiro, a pequena embarcação foi retirada do seu lugar e lançada ao mar por apenas dois homens da tripulação. Os remos estavam no seu lugar, e só nos restava entrarmos nela. Ainda me surpreendendo, o capitão não nos impôs nenhum tripulante. Ned Land governaria sozinho a embarcação. A terra encontrava-se

a menos de duas milhas e para ele seria uma brincadeira conduzir o bote entre aqueles recifes tão perigosos para os grandes navios.

As oito horas, armados com machados e espingardas, deixamos o “Nautilus”. O mar estava bastante calmo. Uma brisa ligeira soprava da terra. Conselho e eu remávamos vigorosamente, enquanto Ned governava o bote pelas estreitas passagens que as rochas deixavam entre si.

O canadense não podia conter a, sua alegria. Parecia um prisioneiro fugido da prisão e nem sequer pensava que teríamos de voltar ao submarino. Estava realmente vibrando com o acontecimento.

- Carne! - repetia ele sem cessar. - Vamos comer carne! Pena não haver pão. Um bom pedaço de carne fresca, grelhada sobre umas brasas... O que me diz disso, Conselho?

- Que você está me deixando com água na boca, seu glutão.

- Resta-nos saber - achei bom preveni-los para uma decepção - se esta floresta tem caça e se ela não será de tamanho tal que possa caçar o caçador.

- Não importa, Sr. Aronnax - retrucou Ned Land. - Comerei tigre, isso mesmo, lombo de tigre, se não houver outro quadrúpede na ilha.

- O amigo Ned é inquietante! - comentou, rindo, Conselho.

- Seja o que for, todo animal de quatro patas sem penas ou de duas patas com penas, será cumprimentado com um tiro meu - jactou-se o canadense.

- Bom! - exclamei. - Aí temos promessas imprudentes, mestre Land.

- Não tenha medo, Sr. Aronnax e reme com força. Dentro de vinte minutos estarei lhe oferecendo um prato de verdadeira carne, feito por mim com todo capricho.

As oito e meia, o bote do “Nautilus” foi encalhar suavemente no areal, depois de ter ultrapassado o anel de coral que rodeava a ilha.

## Capítulo 20

Fiquei vivamente impressionado ao pisarmos em terra. Ned Land experimentava o solo com os pés, como se estivesse praticando um ato para tomar posse dele. No entanto, havia apenas dois meses que, segundo a expressão do Capitão Nemo, éramos “passageiros” do “Nautilus”. Na verdade, éramos prisioneiros dele.

Caminhamos para o interior da ilha. Depois de atravessarmos uma mata pouco densa, encontramos numa planície cheia de arbustos. Vi então elevarem-se nos ares magníficas aves. O vôo ondulado, a graça das curvas aéreas e o brilho das cores atraíam e deliciavam o olhar.

Não tive dificuldade em reconhecê-las.

- Aves-do-paraíso! - exclamei.

- Ordem dos pássaros, seção dos clistómoros - disse Conselho.

- Família dos pardais? - perguntou Ned Land.

- Não creio, mestre Land - falei-lhe. - Mesmo assim, conto com a sua destreza para apanhar um desses encantadores produtos da natureza tropical. Eu gostaria muito de ter um deles.

- Vou tentar, professor. No entanto, o senhor sabe que estou mais habituado a manejar o arpão do que a espingarda.

Os malaios, que fazem grande comércio destas aves com os chineses, dispõem de diversos meios para as apanhar, mas nós não tínhamos recursos para pô-los em prática.

Por volta das onze horas da manhã, já tínhamos chegado ao primeiro plano das montanhas que formavam o centro da ilha. Para decepção de todos nós, mas principalmente de Ned Land, ainda não havíamos caçado coisa alguma. A promessa dele já havia falhado. A fome apertava.

Tínhamos nos fiado no produto da caça, mas ela não aparecera.

Felizmente, para sua grande surpresa, o meu criado assegurou-nos o almoço. Matou um pombo manso e um trocaz. Rapidamente depenados e espetados num pau, foram assados numa fogueira. Devorados até os ossos, nós os achamos excelentes. A noz-moscada de que costumam alimentar-se essas aves dá-lhes um sabor delicioso à carne.

- E agora, Ned, o que lhe falta? - perguntei ao canadense, ao terminarmos o repasto.

- Um quadrúpede, Sr. Aronnax. Esses pombos não passam de acepipes, de guloseimas. Enquanto não matar um animal que nos brinde com costeletas, não me senti- rei satisfeito.

- Nem eu, se não apanhar uma ave-do-paraíso - falei.

- Continuemos .portanto a caça - propôs Conselho - mas em direção ao mar. Chegamos às primeiras montanhas e acho que é melhor voltarmos à região das florestas.

Era uma proposta sensata e foi seguida. Após uma hora de marcha chegamos a uma floresta de salgueiros. Algumas serpentes inofensivas fugiam à nossa aproximação. As aves-do-paraíso desapareciam assim que nos viam e eu já me desiludia de apanhar uma delas quando Conselho, que ia à frente, abaixou-se de repente, soltou um grito de triunfo e correu para mim trazendo na mão uma delas.

- Você deu um golpe de mestre, Conselho! - elogiei-o, realmente admirado. - Apanhar uma ave-do-paraíso viva, à mão, não é façanha para qualquer um.

- Se o senhor a examinar de perto, verá que não tive grande mérito, professor - disse-me ele. A seguir, explicou o pouco valor de feito, em seu próprio julgamento: - Esta ave está bêbada pela noz-moscada que devorava quando a peguei. Veja, amigo Ned, veja o resultado da intemperança!

- Com mil diabos! - retrucou o canadense. - Há dois meses que nem cheiro gim!

Entretanto, eu examinava a ave constatando que meu criado não se enganara. Ela estava realmente embriagada com o suco capitoso da fruta e completamente incapaz de voar. Pertencia à mais bela das oito espécies encontradas na Papuásia e nas ilhas vizinhas. Tratava-se de uma ave-do-paraíso "grande esmeralda", uma das mais raras. Eu desejava ardentemente levar o soberbo espécime para o oferecer ao Jardim Botânico, que não possuía nenhum exemplar vivo dessas aves.

No entanto, se o meu desejo estava satisfeito com a captura da ave, o do canadense continuava desatendido. Felizmente, por volta das duas horas, Ned Land conseguiu abater um belo porco selvagem, ao qual os naturais da região chamam de bari-utang. O animal veio

mesmo a calhar para nos fornecer verdadeira carne de quadrúpede. O arpoador não cabia em si de vaidoso, já que o porco caíra fulminado com o primeiro disparo que ele fizera. Teríamos costeletas na refeição da noite.

Estávamos muito satisfeitos com os resultados de nossa caçada. O alegre canadense propunha-se a regressar no dia seguinte àquela ilha encantada que ele pretendia despovoar de todos os quadrúpedes comestíveis. Mas não contava com o que estava para acontecer.

As seis horas da tarde, nós estávamos na praia, próximos ao bote. O “Nautilus”, semelhante a um grande escolho, emergia das águas a duas milhas de distância.

Ned Land, sem mais delongas, ocupou-se da importante tarefa de fazer o jantar. As costeletas do bari-utang, assando-se nas brasas exalavam um cheiro delicioso que perfumava a atmosfera. Degustávamos antecipadamente o prazer de um excelente jantar.

- E se não voltássemos esta noite ao “Nautilus?” - lembrou Conselho, numa perigosa proposta.

- E se nunca mais voltássemos? - Ned Land fez justamente a pergunta que eu esperava ouvir dele.

Naquele momento, uma pedra caiu aos nossos pés, interrompendo a proposta do canadense.

As pedras não caem assim do céu! - disse Conselho.

Uma segunda pedra, cuidadosamente arredondada, que tirou da mão de Conselho um pedaço de carne, assustou-nos.

Levantamo-nos os três, de espingardas em punho, prontos para responder a qualquer ataque.

- Serão macacos? - perguntou Ned Land.

- Mais ou menos - respondeu Conselho. - São selvagens.

- Corramos para o bote! - apressei-os, dirigindo-me para o mar.

De fato, era forçoso que fugíssemos, porque uns vinte indígenas, armados de arcos e fundas, surgiam na orla de uma mata à direita de onde estávamos, a cerca de cem passos. Aproximavam-se sem correr, mas demonstrando hostilidade, atirando suas pedras e flechas contra nós.

Chegamos em dois minutos à beira do mar. Carregar o bote com as nossas provisões da caçada, empurrá-lo para a água e montar os remos, foi uma questão de segundos. Ainda não tínhamos avançado dez metros e já uma centena de selvagens, gritando e gesticulando, entrava na água.

Vinte minutos depois estávamos chegando a bordo do “Nautilus”. Os alçapões estavam abertos e penetramos nele. Fui diretamente ao salão de onde saíam alguns acordes de órgão. Encontrei o Capitão Nemo curvado sobre ele e mergulhado num verdadeiro êxtase musical. Precisei de chamá-lo duas vezes, para que me desse atenção.

- Ah! É o professor - falou, voltando-se para mim. - Então fez boa caçada?

- Sim, capitão, mas infelizmente trouxemos um bando de bípedes cuja presença me parece muito inquietante.

- Selvagens - adivinhou ele e comentou num tom irônico. - O senhor admira-se de ter encontrado selvagens nesta região? Onde é que não há selvagens, professor? Aliás, os daqui serão piores do que aqueles que o senhor não considera como tais?

- Mas, capitão...

- Eu pelo menos os tenho encontrado em todos os lugares.

- Pois bem, não vou discutir o seu ponto de vista. Mas se não quer receber os selvagens daqui, a bordo do "Nautilus", acho que deve tomar algumas precauções.

- Tranqüilize-se, professor, não há motivo para preocupações.

- Mas são numerosos, capitão. Há uma centena deles vindo para cá.

- Sr. Aronnax - disse ele, voltando sua atenção para o teclado do órgão - mesmo que todos os indígenas da Papuásia se tivessem reunido na praia, o "Nautilus" nada teria a recear dos seus ataques.

Os dedos do capitão começaram então a percorrer o teclado. Notei que ele tocava apenas nas teclas pretas, o que dava à música um colorido essencialmente escocês. Não tardou a esquecer a minha presença e a mergulhar num devaneio que eu não quis perturbar.

Subi à plataforma. Já era noite, porque naquela latitude o sol se põe rapidamente e sem crepúsculo. Eu mal distinguia a ilha, mas as numerosas fogueiras acesas na praia indicavam que os indígenas não a tinham abandonado. Permaneci um longo tempo atento a qualquer movimentação deles. Por volta da meia-noite, vendo que tudo continuava tranqüilo, voltei para o meu quarto e dormi sem maiores preocupações.

As oito horas da manhã seguinte, subi à plataforma. Os indígenas continuavam na praia, mas em número bem superior aos que eu vira na véspera. Agora seriam uns quinhentos ou seiscentos. Aproveitando a maré baixa alguns deles tinham avançado pelos corais e estavam a menos de quatrocentos metros do submarino. Eu podia vê-los muito bem. Eram papuas, de porte atlético, homens de uma bela raça, de testa alta, nariz grosso mas não achatado e dentes brancos. Em geral, andavam nus. Notei a presença de algumas mulheres, vestidas com uma verdadeira saia de ervas presa na cintura cobrindo até os joelhos.

Quase todos os homens estavam armados de arcos, flechas e portavam escudos. Traziam ao ombro uma espécie de rede que continha as pedras arredondadas que atiram certamente com as fundas.

Um dos chefes, bastante próximo do "Nautilus", observava-o com atenção. Devia ser um "mado" de alta estirpe, porque trazia uma esteira de folhas de bananeira, recortada nas pontas e pintada com diversas cores. Eu poderia facilmente abatê-lo com um tiro, mas pensei que seria melhor aguardar demonstrações mais hostis da parte deles. Entre europeus e selvagens, convém que os europeus não ataquem primeiro.

Durante todo o tempo que durou a maré baixa, os indígenas rondaram perto do "Nautilus", mas não se mostraram agressivos. Eu os ouvia dizendo seguidamente a palavra "assai", e pelos seus gestos compreendi que me convidavam para ir a terra, convite que não aceitei. As onze horas da manhã, quando as cristas dos corais começaram a desaparecer sob as águas da maré que subia, eles voltaram para a terra.

Não tendo nada de melhor para fazer, chamei Conselho e pedi a ele que me trouxesse uma rede pequena, dessas utilizadas para apanhar ostras. Ele a trouxe logo e ficou ao meu lado, ajudando-me a puxar a rede que sempre vinha carregada com conchas comuns, ostras perlíferas e algumas tartarugas pequenas. Sempre observando o que apanhávamos, eu

encontrei uma concha que me chamou a atenção porque a sua. espira em vez de estar enrolada da direita para a esquerda, estava enrolada da esquerda para a direita. Uma concha canhota.

Eu estava observando o meu precioso achado quando uma pedra atirada desastradamente por um indígena quebrou-a na mão de meu criado que a segurava naquele momento. Soltei uma exclamação de aborrecimento. Aquela concha era realmente um belo objeto.

Conselho pegou a espingarda e fez pontaria em um selvagem que balançava a sua funda a uma distância de dez metros de nós. Tentei impedi-lo de disparar, mas o tiro saiu e a bala foi quebrar a pulseira de amuletos que pendia do braço do indígena.

- Foi aquele canibal que começou o ataque, senhor! - desculpou-se ele, quando reprovei o seu ato.

A situação alterou-se em poucos instantes. Cerca de vinte pirogas cheias de indígenas se dirigiram para o "Nautilus".

- Vou prevenir o Capitão Nemo - falei e desci rapidamente pelo alçapão.

Uma chuva de flechas começara a cair na plataforma do barco.

Fui encontrar o capitão no seu quarto e lhe expus a situação.

Ele me ouviu tranqüilamente e depois disse: - Então só temos que fechar os alçapões.

- Precisamente, capitão. As pirogas dos indígenas estão a cercar-nos.

Dentro de alguns minutos seremos assaltados por algumas dezenas de selvagens.

- Não corremos tal risco, professor - sossegou-me o capitão.

Apertou um botão em sua mesa, aguardou um momento e me disse - Pronto, professor. O bote está guardado e os alçapões estão fechados.

O senhor certamente não receia que esses cavalheiros derrubem as muralhas. que as balas da sua fragata não conseguiram penetrar.

- Não, capitão, mas existe ainda um perigo.

- Qual? A amanhã por esta hora, será preciso reabrir os alçapões para renovar o ar do "Nautilus". Se nessa ocasião os papuas ainda estiverem na nossa plataforma, não vejo como os impedirá de entrarem a bordo.

Como são algumas centenas. . .

- Pois bem, que entrem. Não vejo motivo algum para impedi-los. No fundo, esses papuas são uns pobres-diabos, e não desejo que a minha estada na ilha Gueboroar fique assinalada pela morte de algum desses infelizes. Amanhã - acrescentou ele, após uma pequena pausa - às duas horas e quarenta minutos da tarde, o "Nautilus" flutuará e deixará, sem qualquer avaria, o Estreito de Torres.

Ditas estas palavras, o Capitão Nemo inclinou-se ligeiramente, indicando que a nossa entrevista havia terminado.

No dia seguinte trabalhei em minhas anotações até as onze horas. Não percebi nenhum movimento a bordo que significasse qualquer preparação para uma partida na parte da tarde.

Aguardei mais algum tempo e depois me dirigi para o salão. O relógio marcava duas horas e meia.

Dentro de dez minutos a maré atingiria o máximo de sua altura e, se o Capitão Nemo não tivesse feito uma promessa vã, o “Nautilus” flutuaria imediatamente para partirmos.

Não tardei a perceber alguns estremecimentos de bom augúrio no casco do navio e ouvi rangerem as asperezas calcárias do fundo coralígeno nas chapas de ferro.

As duas horas e trinta e cinco minutos, o Capitão Nemo apareceu no salão e me disse: - Vamos partir. Já dei ordens para que os alçapões sejam abertos.

- E os papuas? Não vão entrar no “Nautilus”, capitão?

- Sr. Aronnax - respondeu-me ele, tranqüilamente - não se entra à vontade pelos alçapões do meu barco, mesmo quando estão abertos.

Olhei para ele, sem esconder a minha incredulidade.

- Venha comigo, professor, venha ver pessoalmente.

Acompanhei-o para a escada central onde Ned Land e Conselho, muito intrigados, observavam alguns homens da tripulação que abriam os alçapões, enquanto se ouviam no exterior os gritos ameaçadores dos papuas. Os postigos foram descidos exteriormente e apareceram vinte caras horríveis. Mas o primeiro indígena que pegou no corrimão da escada foi projetado para trás, eu não sabia por que força invisível, e pôs-se em fuga, dando gritos de terror e enormes saltos. Seguiram-selhe dez companheiros, que tiveram a mesma sorte.

Conselho estava extasiado. Ned Land, levado pelo seu instinto violento, precipitou-se para a escada. Assim que tocou no corrimão caiu também.

- Com mil diabos! Estou fulminado!

A exclamação do canadense explicava tudo. Aquilo não era um corrimão comum, mas um cabo de metal carregado de eletricidade. Quem lhe tocasse receberia um choque que seria mortal, se o Capitão Nemo tivesse lançado nele uma corrente de maior potência.

Os papuas, apavorados, tinham se retirado, enquanto nós ríamos e consolávamos o infeliz Ned Land, que continuava praguejando como um possesso. Sua ousadia fora bem castigada.

Logo depois, levantado pelas últimas ondas da maré cheia, o submarino deixava o leito de coral, exatamente na hora prevista pelo capitão. A hélice virava as águas com majestosa lentidão e a sua velocidade foi aumentando pouco a pouco. O “Nautilus”, navegando à superfície, deixou as perigosas paragens do Estreito de Torres, são e salvo.

## Capítulo 22